

CONVERSA COM UM ATEU

Gostaria, primeiramente, de agradecer pela forma de boas vindas, dada pelo amigo, ao blog “Irreligioso”, cujo link que irei responder ao Assis é o (<http://irreligiosos.ning.com/profiles/blogs/o-livro-dos-esp-ritos?id=2626945:BlogPost:55059&page=3#comments>). Fiquei, realmente, lisonjeado com os comentários referidos a mim como concordante das ideias espíritas, pois penso que usaste de tamanha sinceridade ao redigi-los. Apresentam-nos uma resenha, onde explica o seu entendimento do que vem a ser o Espiritismo, tendo estudado, acredito eu, o Livro dos Espíritos. Perante o irresistível convite, permita-me tecer alguns comentários a cerca do que escreveste dada as minhas limitações como simples estudante e iniciante dos campos religiosos, tal qual o nosso objeto aqui: o Livro dos Espíritos. Seus comentários estarão intercalados e destacados, vindos após eles, as minhas reflexões.

Não há o costume de se dizer que O livro dos Espíritos seja um livro santo, tal qual a Bíblia, ou a Torá, ou o Corão, os Vedas, o Zendavesta (ou Avesta) e muitos outros textos antigos. Sendo um livro novo – meados do século XIX – o nome sagrado não lhe pespugou, embora seu conteúdo seja doutrinário, de natureza religiosa.

A questão aqui não é que não haja costume de se dizer que o Livro dos Espíritos seja um livro santo, pois nem os espíritos e nem Kardec, advogaram este preceito, sendo este claríssimo quando afirma que as obras básicas não são infalíveis ou definitivas. Os livros ditos santos, autoproclamaram-se assim, daí que se criou o costume de entendê-los como tal e assim chamá-los. O conteúdo doutrinário do Espiritismo, e da obra em questão, não deve ser entendido, a meu ver, como forma de catequese ou pregação. Não existe a tentativa de se forçar qualquer convicção e conclusão a respeito. Logo, que observemos o conteúdo doutrinário do Espiritismo de modo não pejorativo, neste sentido de tentar “provar” ou demonstrar que outras concepções estão incorretas e, conseqüentemente, merecem descrédito. O Espiritismo, antes, incentiva a liberdade de consciência e escolha, cabendo a todos o que se interessarem por ele, ao analisarem as obras da codificação, aceitá-las ou não. O próprio Kardec afirma que se um dia a ciência demonstrar algo que ponha por terra alguma ideia espírita, que esqueçam a ideia antes defendida pelo Espiritismo e sigam a ciência. Você ainda prossegue dizendo:

Assim como os Evangelhos foram escritos para convencer – através especialmente de milagres e outras proezas – o Livro dos Espíritos tem também idêntico propósito, até mais enfático.

Seguindo esta lógica, obras de escritores que se autodenominam ateus, são ainda mais enfáticas que as obras da codificação, quando, em sua maioria, querem expor ao ridículo o que os outros acreditam. Tais obras são também uma forma de convencer “racionalmente” que as diversas crenças são equivocadas, fabulações, mistificações, etc. Não nego que a grande maioria dos fundamentos teístas é questionável e são, obviamente, desprovidos de qualquer entendimento racional. Em detrimento a isso, Kardec com a ajuda dos espíritos, procura reanalisar alguns conceitos, que julgava e julgamos errôneos, antes aceitos como verdade absoluta e irrevogável. Percebe-se, então, que a doutrina espírita é uma forma de se desmistificar o corpo mítico das religiões, a sua falta de lógica em diversos passos escriturísticos, as suas desobediências às leis naturais, enfim, todas as obscuridades que as assaltam em seu processo de construção e estruturação, o que, no fundo, é uma das causas evidentes dos pensamentos ateus.

Expor argumentos para uma livre reflexão é algo completamente salutar e que, inclusive, deve ser incentivado, pois acredito sinceramente que é através do debate honesto que o conhecimento se constrói. O espiritismo nos dá essa possibilidade de analisarmos tudo e, com a

ajuda da razão, criarmos a nossa convicção. Conquanto, continua em seus comentários:

Quando recentemente os avanços científico-tecnológicos permitiram que pessoas, usando apenas sua concentração mental, acionassem um instrumento capaz de captar ondas cerebrais, muitos se apressaram em dizer que isto era uma prova da existência dos espíritos. Não cuidaram esses de saber que, sendo o cérebro dotado de impulsos elétricos, pode emitir ondas suscetíveis de serem captadas, da mesma forma que o rádio, a televisão, o telefone, a Internet funcionam mediante transmissores-receptores de ondas eletromagnéticas.

É por demais oportunos o amigo nos trazer essa reflexão sobre a fenomenologia espírita. Penso que estás certo em relação a este ponto da ciência materialista, mas devemos reconhecer que a ciência, digamos cartesiana, é impotente para compreender certas coisas. Naturalmente, reconheço que em meio a tantas manifestações espirituais, haja aquelas que podemos considerar fraudulentas e que alguns detratores fazem questão de “desmascarar”. No entanto, igualmente aos nossos estimados pesquisadores ateus e agnósticos, detentores de argumentos interessantíssimos que procuram desqualificar, pelo menos em tese, os fenômenos espíritas, no meio espírita e, por incrível que pareça, no meio cético e ateu, vislumbraram pessoas similarmente sérias e que disponibilizaram os resultados de estudos que, se não comprovam o que achamos ser factível, nos deixam o viés de que precisamos de mais estudos para que não tomemos conclusões equivocadas sobre os diversos assuntos. O egoísmo e a prepotência, às vezes, não nos deixam reconhecer as nossas limitações e com isso não enxergamos nada além da matéria palpável. Esclarecido este ponto, vamos adiante a seus argumentos:

Os crentes do espiritismo e de outras crenças não aceitam também que o cérebro, uma vez incapacitado – por alguma limitação ou pela morte implica na perda de nossa consciência em definitivo, ainda que aspiremos ardentemente por uma perpetuidade ou eternidade através de uma alma ou espírito ou por meio de uma futura ressurreição miraculosa.

Evidentemente que não se trata de aceitar ou não que a consciência se perde quando da morte ou de alguma limitação física no cérebro. É, primeiramente, porque se admitíssemos que a individualidade fosse destruída depois do processo natural da morte, nos restariam diversas perguntas insolúveis e a vida não teria sentido algum. Quando falo da vida aqui, dentre vários outros fatores, falo das nossas relações uns com os outros, por exemplo. Pensemos, então, na nossa relação com os nossos filhos. De que vale então esse amor que sentimos pelos nossos filhos? De que vale, ainda, termos filhos? De onde vem à necessidade de sermos pessoas melhores? Será, então, que faria diferença fazermos o bem ou o mal, amarmos ou não? Honestamente, não vejo como resolvermos de modo racional tais questões sem presumirmos a sobrevivência de nossa consciência *pós mortem* e, principalmente, de uma força soberana. Segundo, existem diversas pesquisas e estudos que sugerem a consciência como algo independente da matéria. Sugiro que leia, dentre outros trabalhos, o do ex-professor de medicina na Havard Medical School, o Dr. Bem Alexander.

Todos nós sabemos que existem fenômenos que a ciência materialista ainda não conseguiu explicar. Então, o que acontece com eles, na sua concepção? Simplesmente os engavetamos? Tais fenômenos constituem prova para nós, se não são válidos, então que provem o contrário. Poderia citar diversos outros pesquisadores e trabalhos, mas ficaria cansativo. Você ainda continua:

A contribuição fundamental para a ideia do espírito veio da época do animismo – de alma ou espírito – quando nossos ancestrais interpretavam o sonho como uma entidade que habitava nosso interior, o que veio a ser a gênese do conceito alma.

A intuição de que algo extracorpóreo existe, acho que o amigo deve saber ou confundiu, não é coisa nova. Os historiadores supõe que a crença nas forças além da matéria surgiu aproximadamente a 8.000 a.e.c. Na verdade, o animismo veio apenas fundamentar o que desde todos os tempos é algo inato. Continuemos na análise de seus comentários. Vejamos o que diz:

O livro é escrito numa linguagem convincente à primeira vista, e boa parte dos que o leiam, se não detiver bons fundamentos contrários às ideias expostas, logo se converte à doutrina. Os argumentos são bastante abrangentes, mais até do que os Livros Cristãos, que se valem sobretudo de milagres, ameaças, recompensas e da construção de um Cristo cheio de virtudes, a despeito das contradições de suas narrativas.(2)O texto contém inúmeras referências inacreditáveis que, entretanto, merecem o crédito de muita gente. Allan Kardec, por décadas, compilou, catalogou e consolidou muitas dezenas ou centenas de relatos sobre o assunto, adicionou-os às idéias que então desenvolvia, depois os codificou como a Doutrina Espírita, sem desprezar outros estudos. Ele veio a criar então mais uma ideologia religiosa.

Kardec não veio fundar uma religião. O Espiritismo, pelo seu caráter filosófico, moral e científico, consolida-se como uma doutrina que abrange tal filosofia e, decorrente dos seus significados filosóficos, atrai para si também significados morais. Esse sentido moral, propriamente dito, que encontraremos nas bases da doutrina espírita, está diretamente relacionado a real acepção da palavra religião, que significa uma “religação” com a divindade. Aproximar-nos de Deus: eis a única similaridade, para nós espíritas, com o que se tornou a religião.

Esta questão sobre o Espiritismo ser apenas uma compilação de ideias que Kardec catalogou não passa de puro achismo. Os fatos que deram origem a esta doutrina são, nos comentários acima, esquecidos pelo amigo. Reconhecemos, todavia, que todo um corpo de novas ideias, provém, direta ou indiretamente, de velhas ideias. Ora, a ciência, a filosofia e a moral estão notoriamente dentro deste contexto. Por exemplo, as concepções ateístas têm grande influência de preceitos marxistas, nietzschianos e de ideologias mais recentes, tais quais de Jean Paul Satre. É muito fácil fazermos uma análise simplista do Espiritismo e taxa-lo como mera compilação de ideias pré-existentes e preconcebidas. Porém, prossigamos em seus comentários:

Para uns, uma nova peça mitológica, para outros, um delírio, um absurdo.

E, ainda, para outros, que fazem parte deste mesmo mundo que os seus citados “uns” e “outros” é, quando não uma realidade, um objeto merecedor de estudos mais detalhados e sérios. Mais adiante, vemos um comentário inusitado, vejamos:

Mas ele estava convicto da verdade de suas superstições. Ninguém é mais doutrinado do que o próprio doutrinador. Na França, seu país, o livro não merece maiores atenções.

O movimento espírita na França, como o amigo ver, teve um declínio, chegando quase a desaparecer. Porém, as causas deste declínio encontram-se numa espécie de ecletismo que trouxe para o seio do Espiritismo concepções orientais, também espiritualistas, cujos reflexos direcionam-o a sorte da astrologia, quiromancia, astrologia e etc. Tristemente, principalmente na Europa, vemos um entrelace da praga dogmática com os princípios kardecianos, sendo este o principal motivo do desvirtuamento doutrinário espírita e do seu conseqüente descrédito por parte dos cientistas. Verifica-se, portanto, que Kardec estava mesmo certo quando disse que os piores inimigos do Espiritismo estariam entre os seus pares.

Em contra partida, deslumbramos outros horizontes no viés da preocupação dos que podemos entender como verdadeiros espíritas, pois significativos avanços, no que diz respeito à divulgação e reestruturação do corpo doutrinário espírita, atualmente podem ser vistos na Europa. Você prossegue ainda dizendo que

É admirável que as compulsões, as idiossincrasias, o autoengano, as ilusões, os medos e nossas necessidades emocionais nos tenham levado a forjar coisas tão extraordinárias quanto as religiões e seus Deuses! Seus livros, sua literatura, doutrina, teologia, suas enormes bibliotecas, tudo construído a partir de rituais e narrativas primitivas, primeiro orais, depois escritas, e todas com as características das mitologias, das fábulas, lendas, contos populares e fragmentos de culturas antigas, após milhares ou milhões de alterações, supressões, adições, reinterpretações, recriações!

É igualmente louvável a crença no nada, no acaso. A mente autossuficiente que pensa tudo saber. O egoísmo, a prepotência tão pequena diante da universalidade do amor que, racionalmente, não entendemos as suas relações com o nada, com o acaso, admitindo-se a hipótese da existência do que inexistente. A organização tremenda do universo e de tudo o que o forma, os seus ricos detalhes, complexidades e congruências, só a custo de muita fé (sic) que atribuímos notória grandiosidade aos promíscuos e ilusórios, estes sim, acaso e nada. A parte disso, repito, não há como se conceber que tudo o que nos forma, a força que nos move, enfim, a ilimitação relativa do universo, todos efeitos de uma causa primária, não estejam diretamente ligados e coordenados por essa potencia, vulgarmente falando, além dos nossos sentidos.

Então lhe pergunto meu amigo: é mais provável a existência do nada, ou seja, do inexistente, ou de uma individualidade que se conserva *pos mortem* e assim dá sentido a tudo? É mais racional, já que os estimados amigos ateus adoram usar este termo, crermos que somos fantoches do acaso e do nada, os quais não existem, ou crermos que somos guiados por uma inteligência suprema?

Nas mitologias religiosas em geral a revelação costuma ser feita a um profeta por um anjo, mas no espiritismo a revelação é feita pelos próprios espíritos através dos médiuns (intermediários) (ver p.14-15)

É interessante essa comparação, mas ela só é feita a partir do momento em que não admitimos a existência dos espíritos, enquanto diversos fatos ainda não explicados pela ciência materialista nos direcionam a uma visão oposta. Repito, um assunto que requer mais estudos sérios e, como Kardec costumava dizer, perseverantes, não pode ser facilmente descartado, porquanto as evidências estão aí para todos pesquisarem.

Os espíritas admitem coisas muito extraordinárias: que o espírito pode se comunicar “pela palavra, pelo ouvido, pela vista, pelo tato, etc. e mesmo pela escrita direta dos Espíritos, quer dizer, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis”. (p.13) Isto é, são puro espírito, mas têm força mecânica. E tanto podem fazer o bem quanto o mal. A doutrina espírita é classista, com espíritos de classes superiores e inferiores. (p.15) Quer dizer, um Deus Perfeito cria espíritos imperfeitos, e precisa encarná-los no homem para que se purifiquem através do sofrimento na perdição da Terra! Para quê? Por quê? Que finalidade isso teria?

Nos prolegômenos do Livro dos Espíritos há um passo bastante interessante, ao qual transcrevo abaixo:

Fenômenos que escapam das leis da Ciência vulgar se manifestam em toda parte e revelam, em sua causa, a ação de uma vontade livre e inteligente. (KARDEC, 1989, p.42)

Penso que concordamos que existam fenômenos que são ainda tratados com muita superficialidade pela ciência, por esta estar em constante mudança e ser muito aquém, no sentido de não reconhecer nada além do palpável, mesmo com diversas evidências ao contrário, em diversas partes do globo. E Kardec assim prossegue:

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corporal estão na natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural. Por isso, delas se encontram vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje, elas são gerais e patentes para todo o mundo. (KARDEC, 1989, p.42)

Notamos que um dos maiores motivos da incredulidade dos céticos é atribuir causas sobrenaturais aos fenômenos espíritas. Ora, se eles são um fato, é porque não desobedecem às leis naturais. Se não constituem fato então todas as pessoas, de diversas partes do mundo, estão erradas ou loucas, o que seria ingênuo supor. Contudo, se mesmo que apenas um fenômeno seja real, então isto implica, necessariamente, a possibilidade de outras ocorrências, pois “basta apenas um corvo branco para provar que nem todos são negros”. O grande desafio para os não crentes dos espíritos é encontrar uma causa material para os diversos depoimentos, que obedecem a certa linearidade, de pessoas espalhadas por todo mundo.

Uma leitura mais atenta da obra kardeciana, especificamente da questão 97, faria o amigo perceber que a classificação dos espíritos em ordens não consiste num fato inalterável. Essas demarcações não existem no sentido vulgar que você quer nos fazer entender. Se fizermos uma analogia com o nosso modelo de educação, no que tange aos graus de conhecimento divididos em séries, teremos uma visão grosseira, mas sucinta, do que essas demarcações representam na realidade.

Deus não cria espíritos imperfeitos, os cria simples e ignorantes. As suas decisões, no início instintivas e posteriormente racionais, é o que determinam em que degrau da escada evolutiva se encontra. As subidas nesses degraus não estão intimamente ligadas apenas ao sofrimento. Há uma sem número de complexidades que envolvem a nossa evolução intelectual e moral.

Logicamente, só através da reencarnação a evolução é possível. A lei do progresso é completamente visível na humanidade desde todos os tempos.

Bem, já imaginamos o porquê, é para termos um ente – a alma ou o espírito – que nos garanta a perpetuidade ou a eternidade depois da morte, já que não nos conformamos com a finitude da vida; além disso, o Criador desses espíritos ainda nos protege em nossas fragilidades, nos perigos, tormentos, etc; e também vai redimir a persistente “injustiça do mundo”.

Aceitarmos, mesmo que por um instante, a finitude da vida, seria abdicarmos do dever de sermos o melhor que podemos ser e, daí, não fazer diferença entre ser ou não.

As aparentes injustiças no mundo são frutos de nossas próprias vicissitudes. Mas então você poderia me perguntar: por que existem, por exemplo, crianças que são cegas de nascença, se estas não têm vícios aparentes?

Agora pense: atribuir à sorte essa condição é racional? Porém, se atribuirmos esta condição, aqui transitória, a uma falta ou a uma ferramenta, vulgarmente falando, para o nosso adiantamento em todos os sentidos, não soaria mais concebível?

Atribuir ao acaso e ao nada toda a sorte dos desgraçados é uma visão limitada, mas como seres limitados que somos esta visão reducionista é até compreensível. Agora transcrevo abaixo a réplica de Assis e meus comentários sobre esta.

Penso que Kardec, embora não contemple seu espiritismo como "algo sobrenatural", nem por isso sua ideologia deixa de ser voltada para o sobrenatural e, portanto, têm a mesma natureza das religiões.

O “sobrenatural” de hoje nada mais é que uma lei não compreendida ou por nós ainda desconhecida. A natureza das religiões é mítica e dogmática e a doutrina dos espíritos se sobrepõe ao dogmatismo cego. Aliás, o espiritismo é notoriamente tão contrário a todas as explicações teológicas da natureza, quanto os materialistas propriamente ditos.

Sobretudo, não devemos entender, sob a ótica espírita, dogmas como uma ferramenta que causará ao seu concordante o pensamento esdrúxulo de recusa aos fatos. Dogmas, no sentido espírita, nada mais são que os chamados axiomas da ciência materialista, porquanto são ajustados no mesmo molde de raciocínio. Ora, toda a ciência está pautada em premissas dogmáticas ou axiomáticas, mas nem por isso são menos aceitáveis e são menos ciência.

Os fenômenos espíritas hoje tidos como “sobrenaturais”, amanhã serão facilmente explicados e entendidos. Hoje a explicação para esses fatos, conforme se pode ver, encontra muitas rupturas no universo materialista, sendo o espiritismo que vem nos dar explicações mais satisfatórias, conquanto careçam ainda de mais comprovações. Vejamos o que diz Kardec a respeito:

O Espiritismo não tem que examinar se há, ou não, milagres, quer dizer, se Deus pôde, em certos casos, derrogar as leis eternas que regem o Universo. Ele deixa, a esse respeito, toda a liberdade de crença. Diz e prova, que os fenômenos sobre os quais se apoia não têm de sobrenatural senão a aparência. Esses fenômenos não são assim, aos olhos de certas pessoas, senão porque são insólitos e fora dos fatos conhecidos. Mas eles não são mais sobrenaturais que todos os fenômenos aos quais a Ciência hoje dá a solução, e que pareceram maravilhosos numa outra época. Todos os fenômenos espíritas, *sem exceção*, são a consequência de leis gerais e nos revelam um dos poderes da Natureza, poder desconhecido, ou dizendo melhor, incompreendido até aqui, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. O Espiritismo repousa, pois, menos sobre o maravilhoso e o sobrenatural que a própria religião. Aqueles que o atacam a esse respeito é porque não o conhecem, e fossem eles os homens mais sábios nós lhes diríamos: se vossa Ciência, que vos ensina tantas coisas, não vos ensinou que o domínio da Natureza é infinito, não sois sábios senão pela metade. (KARDEC, 1989, p.401)

Por outro lado, ao questionar de forma dogmática aqueles que discordam de sua ideologia, ele querendo ou não se volta mais uma vez para a religiosidade. Ele diz por exemplo: "

“Com que direito impondes um sacrifício àquele a quem dizeis que quando morrer tudo está findo para ele...?” (p.324) Assim, ele não admite que possamos questionar sua ideologia espírita, tal como fazem os religiosos. Em meu comentário eu disse: Bem, supomos que seja pelo direito à liberdade de se buscar a verdade e nos voltarmos para a harmonização da própria convivência humana em nosso único mundo.”

Neste momento ele apenas usou de uma suposição para argumentar contra os reflexos negativos do materialismo. Como já disse, e repito, não há imposição de ideias por parte de Kardec e muito menos por parte dos espíritos. A liberdade de consciência e de exame está exposta claramente como um dos princípios fundamentais, para crença ou não, na doutrina. O passo que o amigo cita encontra-se na conclusão do Livro dos Espíritos, o qual cito abaixo, com todo o seu contexto, para que analisem e concluam que não foi uma imposição, mas sim uma argumentação que põe em cheque, na minha concepção, os princípios materialistas.

Quereis, segundo dizeis, curar vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Gostaríeis mais que o mundo fosse invadido pela incredulidade que procurais propagar? Não é à ausência de toda crença que é preciso atribuir o relaxamento dos laços de família e a maioria das desordens que minam a sociedade? Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo estimula a fé

no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida; ousaríeis chamar a isso um mal? Duas doutrinas se confrontam: uma que nega o futuro, outra que o proclama e o prova; uma que não explica nada, outra que explica tudo e para isso recorre à razão; uma é a consagração do egoísmo, a outra dá uma base à justiça, à caridade e ao amor dos semelhantes; a primeira não mostra senão o presente e aniquila toda esperança, a segunda consola e mostra o campo vasto do futuro; qual é a mais perniciosa?

Certas pessoas, e entre as mais cétricas, se fazem os apóstolos da fraternidade e do progresso; mas a fraternidade supõe o desinteresse, a abnegação da personalidade. Com a verdadeira fraternidade o orgulho é uma anomalia. Com que direito impondes um sacrifício àquele a quem dizeis que quando morrer tudo está findo para ele e que, talvez, amanhã não será mais que uma velha máquina deslocada e atirada de lado? Que razão há para se impor uma privação qualquer? Não é mais natural que durante os curtos instantes que lhe concedeis, ele procure viver o melhor possível? Daí o desejo de possuir mais para melhor gozar. Desse desejo nasce o ciúme contra aqueles que possuem mais do que ele; e desse ciúme à inveja de tomar o que eles têm, não há senão um passo. Que o detém? A lei? Mas a lei não alcança todos os casos. Direis que é a consciência, o sentimento do dever? Mas sobre o que baseais o sentimento do dever? Esse sentimento tem alguma razão de ser com a crença de que tudo termina com a vida? Com essa crença uma só máxima é racional: cada um para si. As idéias de fraternidade, de consciência de dever, de humanidade e mesmo de progresso não são senão palavras vãs. Oh! vós, que proclamais semelhantes doutrinas, não sabeis todo o mal que fazeis à sociedade, nem de quantos crimes assumis a responsabilidade? Mas falo eu de responsabilidade? Para o cétrico não há isso, pois ele não rende homenagem senão à matéria. (KARDEC, 1989, p.402)

Só é possível desmistificar algo analisando-se a coisa logicamente. E ao contrário de desmistificar as religiões, Kardec reconheceu outros mitos. Além disso ele confere validade total ao Velho e Novo Testamento. O fato de reclamar para seus espíritos uma análise científica, não os torna nem científicos nem verdadeiros.

Acredito que se formos conversar sobre os mitos cristãos, recairemos em outros pontos que podem ser debatidos futuramente. Quando você diz que ele confere validade total ao Velho e ao Novo Testamento, devemos entender que Kardec procurou entendê-los de uma forma menos literal, preferindo analisá-los sob o prisma alegórico, onde assim podem ser vistos como não derogadores das leis que regem o universo. Além do mais, o Espiritismo não é o resultado de uma compreensão crítica da Bíblia, o objetivo não é esse. Contudo, como já afirmei, concordamos que tal livro, em diversos pontos, não acrescenta em nada nas nossas vidas, posto que não passam de transcrições de vícios e deformidades morais e intelectuais dos autores. Kardec, por sua vez, ocupou-se por remodelar os conceitos que existiam decorrentes do entendimento literal dos textos e, como se pode ver, não utilizou tudo o que há na Bíblia para tecer as suas conclusões sobre a doutrina, muito menos os espíritos para as suas respostas e eventuais considerações.

Quanto a sua última afirmação do passo acima exposto, depende da forma como você entende ciência. Se você a entende, restritamente, como um conjunto de leis que possam ser provadas experimentalmente por métodos, por vezes ultrapassados, a nosso bel-prazer e quando quisermos, como se espíritos fossem ratos de laboratório, suscetíveis às nossas mesquinhas curiosidade e vontade, muitas vezes não sinceras, aí tudo bem.

Já disse, os fatos estão aí para serem estudados. Os cientistas não encontrarem respaldo nas limitações das ciências materialistas para comprová-los, não quer dizer que eles sejam falsos.

Se a vida é terrena e única, o que vale é justamente o Sentido da Terra, conforme defendia Nietzsche (ver Assim Falou Zaratustra e outras obras suas).

Os religiosos defendem que sem Deus não haveria moral ou ética, nem mesmo sentido para a vida. Mas esta é a visão religiosa, enquanto a visão Humanista encontra todo o sentido na vida em si mesma. Nossa ética decore da própria necessidade de se harmonizar a convivência humana.

Eu também não concordo com a visão de que os Ateus e afins não têm nenhum senso moral ou ético. O que não concebo é atribuir todo este senso ao nada. Aliás, o que seria o nada?

Quanto ao seu texto, eu não tenho muito a falar, posto que já falei acerca de alguns problemas que podem surgir ao atribuímos à coincidência toda formação do universo. Todavia, queria fazer algumas perguntas sobre ele.

Você diz: ***“Tudo porque o arranjo cosmológico aleatoriamente estabelecido permitiu que na Terra moléculas pré-biológicas se tornassem biológicas e depois evoluíram.”*** As perguntas são: foi estabelecido aleatoriamente por que e pelo que? O que “era” antes dessa “decisão” do nada em formar tudo ou o todo? Em que momento isto aconteceu? Obviamente sabemos que o universo existe então ele começou a existir num dado momento, mas se existe de toda a eternidade e de forma essencial, o que seria a eternidade nesse sentido? O que definiria o que é essencial ou não para o universo? Seria o nada? O acaso? A sorte? A coincidência?

O importante aqui é sabermos que, pra dificuldade dos ateus e afins, ainda não conseguiram provar a inexistência de uma causa primária para todas as coisas, pois se somos indiscutivelmente limitados para definir coisas na terra com ajuda da ciência, como poderíamos definir ou desmistificar a existência de algo transcendente? A prova disso é que em nenhum momento da história da humanidade a ciência demonstrou algum conhecimento que fosse absoluto, uma vez que, como o passar dos tempos, conhecimentos novos se apresentam.

Enfim, o conjunto de fatores para que o universo exista, da forma fina que existe, não pode ser explicada por mero acaso, a não ser que o acaso seja uma inteligência ainda por nós desconhecida. Aliás, podemos definir o acaso? Se não podemos defini-lo, como atribuir todo esse ajuste fino que forma o universo a uma coisa que nem podemos definir de modo grosseiro?

Alguns pesquisadores estão tão condicionados por suas concepções religiosas que eles acabam levando para sua ciência essas concepções. Repetindo Michael Shermer em seu Cérebro e Crença, Admitir a alma ou o espírito pressupõe uma rede neural do cérebro em que essas entidades ficam armazenadas!" .. a menos que exista algum meio de reter o padrão de nossa informação pessoal [nossa personalidade] depois da morte a alma morrerá conosco." (p.157) Nossas lembranças e nossa personalidade estão armazenadas nos padrões dos neurônios." .. quando esses neurônios morrem e essas conexões sinápticas se rompem, resultam na morte de nossas lembranças e de nossa personalidade." (p.157-158) Porque somos dualistas por natureza e acreditamos intuitivamente que nossa mente existe separada do cérebro e do corpo, a vida após a morte é o passo lógico para projetar nossa mente no futuro sem o corpo." (p.159)
As idealizações da alma ou do espírito resultam sobretudo de nossa inconformidade com a finitude da vida.

O caso em questão é de um homem que comungava com a sua opinião, a respeito de a consciência ser destruída em ocasião da morte, antes de sua EQM. Ele inclusive admite que nas suas rodas de amigos, antes dessa experiência, a palavra “espiritual” era terminantemente proibida para que houvesse entre eles uma conversa “séria”. Penso que tal profissional saiba distinguir entre o que é real ou não.

O problema é que é mais cômodo dizer que é falso; que é ideia preconcebida; que testemunhos e experimentos, mesmo de pessoa esclarecidas, nada provam; do que investigar os fatos e, assim, refutá-los se possível for ou não. A citação das opiniões de alguns cientistas não solidifica o que chamamos de prova, posto que existam também outros cientistas que dão opinião contrária. O que podemos ver é que não há consenso quanto à origem dos fenômenos espíritas e nem sabem de onde provém, apenas os confabulando, o que, convenhamos, não é prova de que não é verdade. Aliás, opinião é apenas uma opinião, sendo assim, pode ser apenas uma manifestação de uma idiosincrasia, de uma compulsão ou de uma ilusão qualquer como o amigo afirmou.

No entanto, todos os experimentos, testemunhos e etc., para nós são provas convincentes e que ainda os cientistas não encontraram causa material. Se não é material é de algo transcendente, logicamente falando. Se for algo transcendente, de que é formado? Como surgiu? Onde surgiu?

Quanto à questão da finitude da vida, temos perguntas, em decorrência dessa suposição, ainda não respondidas.

Como é mesmo? animismo é coisa nova? Os antropólogos afirmam que o animismo existe desde o homem das cavernas," portanto, muito antes de seus alegados 8.000 a.e.c. E o animismo não veio fundamentar coisa alguma, ele foi apenas uma confusão do homem primitivo - entre o sonho e supostos espíritos - conquanto possa ter também outras fontes, como a inconformidade com a finitude da vida. (Ver As Máscaras de Deus - três volumes - de Joseph Campbell e Mitos da Religião, de Oliveira Martins).

Acho que houve uma confusão aqui. O que eu quis dizer é que desde todos os tempos o homem tem em si a consciência de algo extracorpóreo. O termo animismo é sim, algo novo. Pode não ser como você bem afirmou o fenômeno anímico, mas o conceito em si o é. Naturalmente, é preciso diferenciar o que é anímico e o que não é. Penso que o trabalho de Alexandre Aksakof nos demonstra, com singular desenvoltura, o que eu disse.

Kardec não deveria, eticamente, dizer "ciências vulgares," em contraposição às suas superstições espírito-religiosas. Dizer também que "os fenômenos se manifestam por toda parte" e que há "diversas evidências" são afirmações que não vão além de falácias. As referências de que há "uma vontade livre e inteligente" são conceitos vindos das tais provas de Deus - a cosmológica e a físico-teológica - ainda não refutadas nos tempos de Kardec.

Tratar Kardec como um mero supersticioso é imprudente de sua parte, me desculpe. "Se a religião se recusa a marchar com a ciência, a ciência marchará sozinha", já dizia ele. Se o amigo não quiser estudar os fenômenos que, sim, se dão por toda parte, não quer dizer que eles sejam fruto de uma mera superstição. Material existe aos montes, o que vos falta é a boa vontade de pesquisá-los e estudá-los sem preconceitos arraigados. Disse Charles Robert Richet: **"...tão invulnerável é a ciência quando estabelece fatos, quão deploravelmente sujeita a errar quando pretende estabelecer negações... Não há contradição alguma entre os fatos e as teorias do Espiritismo e os fatos positivos estabelecidos pela ciência... Em lugar, portanto, de parecer ignorarem o Espiritismo, os sábios o devem estudar."** Materiais estes, suficientemente documentados tanto por espíritas e espiritualistas diversos, quanto por materialistas.

As suas suposições, fruto da fé ateia, são vazias. Os argumentos que supostamente conferem validade às ideias ateias têm furos inconciliáveis, conforme já disse e as novas descobertas da ciência também o disseram.

Não há quaisquer comunicações entre o suposto mundo espírita e o mundo corporal. E se essas supostas comunicações não são fato sobrenatural," não são também fato natural. Vale lembrar o que diz John Searle, autor de O Mistério da Consciência : Se o mundo sobrenatural existisse, ele seria parte do mundo natural!"

O que você ainda não percebeu é que o Espiritismo concorda com a posição de Searle. Não existe sobrenatural, o que existem são leis ainda não explicadas pela ciência. Não há como negar os fatos. Acho que esse exemplo é velho, mas acredito que seja oportuno para essa ocasião. Imagine que estamos no ano 1000 d.e.c. Imagine também que somos amigos e que por uma intuição e observação qualquer, eu lhe diga que um objeto que pese toneladas pode voar acima das nossas cabeças. Você diria possivelmente que isto é impossível, pois derogaria as leis até então conhecidas. Eu diria que não, pois meus cálculos estão corretos. Você não me daria atenção e me chamaria de sobre naturalista barato ou de *satanista* (risos). Contudo, sabemos hoje em dia, com a ajuda da ciência, que há a possibilidade da construção desse objeto e que não há nada de

sobrenatural nessa construção.

Quanto aos Vestígios [das comunicações espíritas] entre todos os povos e em todas as épocas," deve-se observar : 1º) narrativas de comunicações não são comunicações efetivas; 2º) as narrativas sobre os tais espíritos em toda parte refletem apenas um fenômeno universal, que é o apelo, desde o primeiro Homo sapiens sapiens, ao sobrenatural, em face de seus medos, especialmente, o medo da morte, os perigos, os tormentos, etc, etc. (Pode parecer paradoxal, mas foi sábia a idealização da alma ou espírito como forma de nos perpetuar a existência, pois isto nos amenizaria a angústia da morte).

1º se você julga as narrativas falsas, então cabe à ciência provar que são falsas. Ou, se você julga as pessoas que não apenas narraram, mas também observaram e as lançaram sobre o crivo de experimentações rigorosas, loucas, é uma atitude ingênua, pois estão, não raro, em posições sociais e intelectuais de destaque. Sendo primariamente, as comunicações, concebidas como fruto da observação, os relatos, obedecendo à linearidade nas diversas partes do globo, constituem, no mínimo, uma evidência digna de estudos sérios e perseverantes. A ciência material não aceitar a validade dos fenômenos não os tornam menos verdadeiros, assim como Hartmann não deixará de ter suas razões porque Aksakof o respondeu a altura.

2º esse fenômeno, da busca do sobrenatural, para suprir as nossas carências existenciais, ao contrário do que o amigo disse, prova que é intrínseco ao ser humano, ainda que por um instante na vida, ter a consciência da existência de uma causa primária que grosseiramente chamamos de Deus. Evidentemente que a morte sempre foi muito mal compreendida, principalmente pelos nossos ancestrais mais antigos e a muitos gera medo desordenado. Porém, atribuir a essa condição toda uma construção doutrinária, provinda de fatos observáveis, experimentáveis e, por diversos cientistas, catalogados, é um contrassenso. Faltam-nos justificativas plausíveis para a aceitação dessa ideia. José Herculano Pires diz: [...] **Quando, pois, o materialismo dialético reduz à mesma pauta da superstição primitiva a religião ancestral, com as suas formas de exploração social, e os modernos trabalhos de pesquisa científica no terreno da sobrevivência, comete uma heresia filosófica de proporções catastróficas.**

Primeiro, os estudos da antropologia e a psicologia já revelaram a gênese do conceito de espírito. Segundo, nenhuma evidência está aí, conforme acima afirmado.

Depende da abordagem dentro da psicologia e da antropologia. Se você tem, nesses dois ramos da ciência, uma visão do homem pelo homem, de fato, elas explicam, ou pelo menos tentam, o espírito como fruto de algum agente orgânico. Não obstante a visão do homem pelo homem, a psicologia e a antropologia, quando com visão não limitadas pela matéria, explicam a gênese do espírito de outra forma.

As evidências não existem como frutos de uma concepção pessoal e não estão organizadas num modelo teórico apenas. As evidências são patentes na não explicação de fatos, pelas ciências conhecidas, como já disse, que aconteceram em todas as partes do globo e que convergiram para um mesmo fim.

Se Kardec não veio fundar uma religião, ele sem querer terminou fundando uma. E se seu spiritismo tem um caráter filosófico e moral, trata-se de uma herança do cristianismo, a cuja cultura ele pertencia.

Esse pensamento decorre do fato de muitos espíritas estarem vivenciando o spiritismo como uma espécie de igrejisimo, o qual, certamente, não foi à proposta de Kardec e dos espíritos. As consequências morais da filosofia espírita surgem como um reflexo do que lhe é próprio. A moral do evangelho é encontrada, sob diversas formas, mas em essência uniforme, nas diversas culturas

antigas. Contudo, a moral do evangelho “é o terreno em que todos os cultos podem encontrar-se, a bandeira sob a qual todos podem abrigar-se, por mais diferentes que sejam as suas crenças.” Dessa forma Kardec pensou, e com razão, que existiam trechos no evangelho capazes de constituir um código moral universal, capaz de unir a todos sem distinção de culto, crença e ideologia.

A prova de que se trata compilações de relatos mitológicos de supostos espíritos são seus próprios livros.

Asseguro que a existência dos espíritos seja mais verificável do que a existência do acaso. A codificação, pode não constituir prova para uns, mas para outros, com as devidas contribuições da ciência, com a ludicidade e todo critério rigoroso a qual passou, constitui. A codificação pode ser tudo, menos uma peça mitológica, fruto de uma superstição. Essa afirmação é muito vazia para se tentar desmistificar o que, na verdade, não é místico.

Narrativas de supostos espíritos não são fatos.

Se não são fatos, cabe à ciência sair da sua posição cômoda e provar. Quando falei desses fatos que deram origem a doutrina, não me referir às comunicações propriamente ditas. Sugiro que o amigo leia mais uma vez a introdução de o Livro dos Espíritos, logo verá que tudo começou com fenômenos que aconteciam em vários lugares e que chamavam muito a atenção na época. Fatos como mesas que flutuavam e que, posteriormente ganhando uma espécie de “inteligência”, foram capazes de responder perguntas científicas, foi como se deu, simplificada, a origem da doutrina.

O meu texto Que Felicidade !! postado anteriormente aborda essa questão.

O seu texto não explica satisfatoriamente o sentido da vida quando ele atribui à sorte tudo o que há. É como se disséssemos a um cego de nascença, por exemplo: “o seu estado de cegueira é fruto de um acidente genético. Ainda bem que tive mais sorte que você e que coincidências ruins não me atingiram.”

Que novas ideias venham de ideias anteriores, isto não constitui nenhum vício. Vício pior é reinventar a roda.

Concordo com você. Agora, pensar o Espiritismo como uma reinvenção, e isto apenas, é esquecer que “o materialismo dialético é o mais avançado passo da filosofia materialista, graças ao aproveitamento da tríade básica da mais antiga filosofia espiritualista, que podemos encontrar desde o taoísmo chinês ao druidismo gaulês, do antigo bramanismo à filosofia jônica, de Sócrates e Platão ao Evangelho do Cristo.” O espiritismo não é apenas uma opinião, como o nosso estimado amigo, nos sugere. Antes, tem caráter abertamente filosófico, e as suas consequências morais são tão patentes, que ao invés de ser mais uma espécie de “roda” reinventada, é a mais pura expressão do ser, quando este não está aprisionado nas concepções materialistas.

O problema do espiritismo não é considerá-lo 'ideias pré-existentes ou preconcebidas.' Seu problema é que ele é apenas mais uma religião (e um código moral) codificada por Allan Kardec, que estava sujeito às suas idiosincrasias, suas compulsões, seu autoengano e suas ilusões, como todos os doutrinadores. A propósito, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo são também codificados. O fato de ele querer tratar seu espiritismo como ciência não confere à ideologia espírita o status científico.

Outro erro crasso, que me esqueci de mencionar em meus comentários anteriores, mas que

não perderei o ensejo de fazê-lo agora é esse pensamento, comum em pessoas que ainda não se esclareceram quanto o espiritismo, de que o mesmo iniciou-se compulsoriamente, ilusoriamente, enganosamente, etc. com Kardec. Mas esse é apenas mais um reflexo da falta de esclarecimento dos que ainda não se deram o trabalho de estudá-lo com afinco (não tome essas palavras como algo ofensivo, por favor).

O espiritismo iniciou-se, como o próprio Kardec faz questão de mencionar, por volta de 1839, nos EUA, com as irmãs Fox. Segundo José Herculanio Pires, Kardec ordenou essas pesquisas, anteriormente conhecidas como paranormais. A biblioteca já era vasta, logo existem mais pessoas compulsivas, reféns de idiossincrasias estúpidas e iludidas do que se pensa.

A negação do status científico da doutrina espírita reside na não aceitação da existência dos espíritos. Porém, como podemos constatar, com todo o trabalho de diversos cientistas respeitados como Gabriel Dellane, Camille Flammarion, Alexandre Aksakof, William Crookes, Lombroso e etc., a validade dos chamados fenômenos espíritas supera o que podemos chamar de compulsão, autoengano, ilusão e etc. Sem falar nos milhares e milhares de depoimentos acerca das “coisas do além”, estes de pessoas menos esclarecidas. Sem falar, ainda, em todo trabalho psicográfico de Francisco Candido Xavier, Divaldo Pereira Franco e etc. Não podemos negar, de modo racional, que material para que se gere, ao menos, uma dúvida sobre os, aqui chamados, supostos fatos, isso não podemos. Agora, será que no meio de toda essa gente não existiu um experimento, um relato, uma psicografia (ou qualquer enlace mediúnico) verdadeira? Será que tudo seria fruto de idiossincrasias, compulsões, ilusões, medo da morte, etc. etc.? Se um desses fatos é verdadeiro, temos aqui cabalmente demonstrado o nosso objeto de estudo. Têm-se um objeto de estudo, um método único de analisá-lo (O Livro dos Médiuns), então têm aqui uma ciência ou pelo menos uma ciência em construção.

A realidade metafísica assassinou o materialismo e os materialistas ainda não se deram conta. A propósito, o materialismo suicidou-se. Hoje sabemos que nem todas as realidades podem está circunscritas e delimitadas em um sistema grosseiro.

A inconformidade com a finitude da vida decorre exatamente de as culturas religiosas, estando voltadas para um além inexistente, impediram que nossas culturas encontrassem o Sentido da Terra, conforme Nietzsche.

Talvez tenha sido por tanto procurar o sentido da terra que Nietzsche morreu depressivo. Este, por sinal, foi o destino de muitos adoradores do acaso ao longo dos tempos. O espiritismo, nessa perspectiva, como disse José Herculanio Pires, não peca por exclusão. E é categórico quando afirma na mesma oportunidade: **“Diante dos mundos em litígio do materialismo e do espiritualismo, não comete (o espiritismo) o pecado proudhoniano ou marxista da escolha.”** Talvez esse tenha sido o pecado mortal do materialismo: negar uma natureza que não dominava, justamente por não dominá-la. Negando esta natureza, o seu objeto morria, pois um novo corpo surgia a parti do ajuste desses dois, demonstrando assim a incompletude de um sem o outro.

No que dependa de nós, as alegadas injustiças são causadas evidentemente por nós mesmos. Mas há também uma aparente injustiça vinda do mundo natural, que na verdade não é injustiça, já que a natureza não faz juízo moral.

Concordo com você. Realmente, a natureza não faz juízo moral. Depreende-se justamente dessa afirmação que se há uma injustiça, mesmo que aparente, logicamente deverá de haver uma justiça. Se nesta não encontramos causas na natureza e, racionalmente, toda justiça provém de um legislador, então que legislador seria esse? Como o encontraremos? Enquanto frutos de um “acidente”, todo o nosso senso de justiça se perderia no nada. Onde os aflitos e os que têm sede de justiça se saciariam? O suicídio, então, não seria uma convidativa forma de fuga a estes desgraçados?

Donde se conclui, sob a luz da razão, que a justiça maior não está condicionada a uma

aleatoriedade, a um acidente. Aliás, se os desdobramentos naturais não fazem juízo moral e nem poderíamos concebê-los, mesmo que por um momento, racionais, então como poderia de haver tão explícitas tantas desigualdades de existências, no que toca a todas as complexidades sociais, das situações, dos méritos, das aptidões, etc.? Se a natureza trabalha invariavelmente num mesmo sentido, ainda que infinito em suas diversificações, não deveríamos em nossa maioria estarmos em condições semelhantes? Todas as variabilidades, em todos esses sentidos que citei, pressupõe algo que nos governa em supremo grau.

Os defeitos congênitos, e é por isso que são chamados congênitos, têm origem genética, são acidentes genéticos, conquanto situações ambientais, conforme já constatado, podem também causá-los. E atribuí-los à "sorte" não é racional, porque sorte não existe, o que existe, nesse caso, são fatos naturais, ainda que eventualmente o homem possa interferir na natureza.

O que seria então o acaso se não uma expressão mais sofisticada para sorte ou para coincidência? E então quer dizer que existem pessoas que são resultados de "acidentes"? O que não seria racional, em minha humilde opinião, é tomar o efeito pela causa, pois nada do que existe, existiu e existirá, vem do que inexistente.

Como o espiritismo foi codificado por um Kardec do século XIX, ele ficou muito mais engenhoso do que as demais religiões, estas bem mais primitivas. Deu-se então nova finalidade à alma-espírito, adotou-se que esses entes transitem sucessivamente pela Terra (e por outros planetas - sem vida), e que se aperfeiçoem em repetidas encarnações-reencarnações, encontrou-se finalidade para o sofrimento, etc, etc.

O espiritismo só poderia ter vindo no século XIX, pois como se apoia nos mais diversos campos da ciência, não teria razão de ser antes e seria incompleto, ainda que necessite de mais comprovações. Uma das propostas do espiritismo foi justamente uma quebra de paradigma científico: estudaria os espíritos e suas relações com o mundo material conhecido. Só poderia ser mais engenhoso, visto que a religião seria apenas uma consequência e não o cerne principal.

Vindo com a proposta de alcançar um lugar entre a ciência que se mostrou incapaz de explicar muitas coisas e ainda mostra-se, a filosofia espiritista ampliou os horizontes da humanidade. A explicação para finalidade do sofrimento, de fato, veio com sua filosofia e isto não constitui nenhum demérito ou rachadura no seu corpo. Se o sofrimento existe, existe por uma causa. Estaria ela objetivamente na natureza? Na interferência do homem na natureza? Como explica-se o sofrimento do ponto de vista natural ou puramente material?

É por esse motivo que o espiritismo surgiu no século XIX, quando as coletividades já estavam mais esclarecidas sobre certos pontos, embora ainda sedentas de respostas. E foi de vital importância, pois relaciona duas vertentes do nosso conhecimento: a material e a espiritual. Já dizia Einstein: **"A ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é cega."** Embora o espiritismo não seja uma religião, esta frase faz uma analogia interessante do que eu quis dizer. Com efeito, J. Herculano Pires também nos esclarece: **"Partindo da observação e da análise dos fenômenos materiais, de natureza supranormal, criamos a filosofia do ser, e atingimos, logo a seguir, a religião. Esta, porém, não se traduz na organização de uma nova igreja, de um novo culto, de um novo "suborno da divindade". Nem se traduz no antropomorfismo socialista, erguido no altar da produção. Mas é, ao mesmo tempo, a comunhão de bens, de corações e de espíritos, pela qual todos ansiamos, espiritualistas e materialistas, para a construção do mundo melhor amanhã."**

*Essa questão está abordada - mais uma vez - no meu texto **Que Felicidade!!!***

Como disse outrora, seu texto é bem literário, mas com um olhar mais racional, não faz sentido.

Muita paz!

Túlio Luiz Santos P. Henriques

Dezembro/2013

Referências Bibliográficas:

KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, São Paulo, SP: IDE, 1989.

PIRES, J. H. Espiritismo Dialético, Campinas, SP: MUE, 1971 (Prefácio da obra Dialética e Metapsíquica, do filósofo portenho Humberto Mariotti).

KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, São Paulo, SP: LAKE, 1991.

MAGALHAES, S. N., Charles Richet - O Apóstolo da Ciência e o Espiritismo, Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2007.

KÜHL, E. O Homem e a Religião (1)

(http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/001_O_Homem_e_a_Religioao_1.pdf).